

Circuito virtual: Da fonte ao signo

DJALMA L. BENETTE

Notícias do Planalto. A Imprensa e Fernando Collor de Mário Sérgio Conti.
São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Notícias do Planalto – A Imprensa e Fernando Collor é péssimo livro de História, Sociologia e Psicologia, mas o melhor sobre o que é jornalismo. A questão é saber como lê-lo.

Passado quase um ano da tietagem da imprensa do eixo Rio-São Paulo-Minas em torno de *Notícias do Planalto*, pesado – no sentido literal, afinal tem quase 3 kg – livro do jornalista Mário Sérgio Conti, ex-diretor de redação da revista *Veja* e atual repórter especial do jornal *Folha de S. Paulo* sobre... Pois é, essa é a questão aqui: o livro, afinal, é sobre o quê?

Passado esse tempo e já fora da evidência cotidiana e espetacular criada em torno do livro (o lançamento teve espaço entre diferentes colunistas de um mesmo jornal e jornais diferentes; uma mesma revista e revistas concorrentes; programas de TV desde os *talk-shows* até os dedicados à literatura e crítica ao jornalismo; sem contar as aparições nos 'infinitos' comentários de *sites* da *Internet* e programas de rádio) é possível afirmar: o livro É o que NÃO parece e parece o que NÃO É. Mais do que um jogo de palavras, o que esta resenha pretende é dizer ao leitor o que está lá, embora não esteja escrito. Paradoxal? Nem tanto.

A alfabetização de qualquer pessoa em relação a uma língua ou idioma nada mais é do que o domínio de determinados códigos comuns a quem emite e a quem recebe. Da estrutura mais elementar, com os anos na escola e o contínuo hábito de

leitura, vai se aperfeiçoando o modo como se entende o que está escrito. Enfim, *ler* é uma metodologia.

A mais óbvia e comum das metodologias, ao menos a que está incrustada na cultura do brasileiro de nível médio, creio, é *a de ler o que está escrito*, ou seja, compreender o que alguém expressa ao usar a linguagem verbal comum aos envolvidos na comunicação. O certo é que existem outras metodologias para a leitura de textos verbais escritos menos óbvias. Uma delas é aquela que leva a *ler o que não está escrito*, ou seja, compreender enunciados que existem num texto pelo simples fato de não constarem dele. É com o uso dessa metodologia que *Notícias do Planalto* é o que não parece, pois trata de um tema de maneira expressa, mas *fala* muito mais sobre aquilo sobre o qual não está centrado.

Parece o que não é.

Em linhas gerais, *Notícias do Planalto* aborda a relação dos principais veículos de comunicação do Brasil com o Palácio do Planalto, nome dado à sede do governo federal, instalado em Brasília (DF), e todas as forças dos poderes constituídos que giram ou existem em torno de um presidente num regime presidencialista como é o caso do Brasil. Com um recorte espacial bastante claro, o livro enfoca, em essência, as relações dessa "grande" mídia com Fernando Collor de Mello, o único presidente eleito do Brasil afastado pelo Congresso Nacional, via o que ficou conhecido por *impeachment* (impedimento é o termo em português que não fez parte do contexto de todo o noticiário político). Focaliza Collor desde o momento em que era governador de Alagoas e começara a trajetória que o levaria, pelo voto direto, ao cargo de presidente, até sua derrocada. Como um observador privilegiado de todo esse processo, o autor do livro conta "casos" envolvendo o que ironicamente chama-se de "coleguinhas", ou seja, outros jornalistas como ele. De alguns conta exatamente momentos que abonam sua vida profissional e pessoal; de outros atos e comportamentos que, ao contrário, faz com que o caráter seja colocado em dúvida.

Em meio a essa narrativa, aparecem questionamentos sobre o modo de ação de quem está no poder político partidário, à frente de Governo ou do Estado; a narrativa traz ainda o poder de comando das redações, onde ocorre o estabelecimento do "rodízio" de profissionais; o modo como o jornalista age para bajular patrões e favorecer amigos; as conexões de pessoas públicas com o noticiário (ACM e Rede Globo; Golbery do Couto e Silva e grupo de jornalistas); a promiscuidade sugerida entre o poder econômico e empresas jornalísticas (Delfim Netto e a mídia carioca); a manipulação do conteúdo do noticiário. Enfim, *tudo isso está escrito* em *Notícias do Planalto*. Pode-se, portanto, dizer que *Notícias do Planalto* é um péssimo livro da História do Brasil pois trata de período específico de fatos desta Nação,

porém sem nenhum embasamento teórico que dê sustentação ao que pretende retratar. É também um péssimo livro de Sociologia, pois não estabelece relações entre o que aborda e os parâmetros sociais que fazem a existência desse período da História do Brasil. Por fim, pode-se afirmar também que é um péssimo livro de Psicologia, afinal, aborda casos de ressentimentos e vaidades atreladas ao poder (seja político ou jornalístico), mas sem nenhuma espécie de análise, apenas o de relato. Ou seja, *Notícias do Planalto* tem o mérito de evidenciar as fofocas que nunca, ou muito raramente, aparecem ao grande público.

É o que não parece.

Ao ler o que não está escrito, porém, *Notícias do Planalto* é o melhor livro de e sobre jornalismo editado nos últimos tempos. Sem cerimônia alguma, Mário Sérgio Conti torna absolutamente claro – embora nas entrelinhas – como é produzido o objeto que é um produto e, simultaneamente, o representante da “verdade/realidade”, seja lá o que isso venha a ser, do ponto de vista do senso comum: leitor, telespectador, ouvinte, enfim, público, sobre o que acabou de “acontecer”.

Do começo ao final das 719 páginas, toda a narrativa central de Conti – deixando de lado os mergulhos explicativos que ele dá, abordando momentos anteriores ao que período histórico em questão – contém repetidas vezes a palavra FONTE. Segundo o dicionário, no sentido figurado, *fonte* é a causa, origem, princípio. No cotidiano, fonte pode estar associada a questão do movimento, da energia, enfim. Creio inimaginável uma residência sem energia elétrica; a ausência de veículos para o transporte de cargas ou pessoas; a inexistência do fogão para o preparo de alimentos, enfim, é inimaginável a sociedade atual sem energia para abastecer o movimento do básico na existência da vida em comum. A fonte da energia que movimenta o carro é o combustível; a eletricidade permite o chuveiro elétrico, a televisão, a lâmpada. Por aí seguem os exemplos.

Ao abordar tão insistentemente – porém sempre de modo descompromissado, quase ‘natural’ – a palavra *fonte*, Mário Sérgio não dá conta do que está afirmando no cômputo geral do que está dito, embora não escrito. A narrativa deixa evidente o óbvio: a mídia sobrevive de informação. Mas afirma o que não está em discussão ao longo de todo o livro: de onde vem essa informação? Como é gerada essa informação? O que é informação?

Esse é o ponto central da aula de jornalismo contemporâneo, como pode ser lido em *Notícias do Planalto*. Mário Sérgio afirma, embora não esteja escrito nada disso ao longo do livro, que jornalismo se resume a uma equação matemática, onde há equivalência de grandezas – umas subseqüentes a outras – sendo que a primeira é a fonte da subseqüente, ou seja, só existe a próxima por causa da existência da

anterior. Em outras palavras, o que Mário Sérgio ensina, mas não está escrito no livro, é que jornalismo resume-se a:

- Fonte que origina Informação;
- Informação que origina Notícia;
- Notícia que origina gêneros [gêneros jornalísticos (notícia, reportagem, entrevista, crônica, crítica, opinião..., e gêneros discursivos (título, legenda, olho, linhão, infográfico...)];
- Gêneros que originam a "coisa" (Objeto/Produto/Signo);
- "Coisa" que origina o consumo (leitor, telespectador, ouvinte isoladamente em cada meio ou todos juntos e ao mesmo tempo, ao menos em tese, quando se fala da *Internet*).

A contribuição de Mário Sérgio não pára aí, embora, se tivesse parado, já teria dado uma contribuição fundamental à sociedade. Ele deixa claro que a existência do que está em questão, para o jornalista, antes de qualquer pessoa pública, é a garantia da sua existência, ou seja, um jornalista sem notícia, não existe, portanto, um jornalista precisa de informação, mas um jornalista não está onde os fatos/acontecimentos estão, portanto, precisa saber quem esteve para que possa lhe contar, ou seja, precisa da *fonte*.

Assim como a eletricidade é real, mas invisível, também o é a informação. Sabe-se que ela existe, mas não é possível vê-la. A sua realidade está no fato de ser virtual. O mesmo ocorre com todo o sistema por onde uma informação circula até o último momento, quando já está publicada. Sabe-se, como demonstra Conti, que ele é real, mas não se pode "pegá-lo" como se fosse algo concreto. A virtualidade de todo o circuito é o jornalismo e isso Conti fala, embora não escreva.

Qualquer jornalista (pessoa qualquer) pode estar no lugar, no mesmo tempo e na mesma hora, mas pode não perceber a fonte, portanto, não ter a informação, não ter a notícia que vai modelizar o todo da mídia como a equação matemática. É necessária a combinação de elementos, assim como na eletricidade: a água parada não é fonte de nada, mas ao cair sobre as turbinas de um gerador, numa usina hidrelétrica, movimenta as engrenagens do circuito que leva a mesma 'coisa' a "Ns" lugares simultaneamente. Assim, também, é o jornalismo e Conti demonstra isso: a informação (num documento, por exemplo) não é nada, mas ao chegar a um jornalista, num veículo de comunicação, movimenta as engrenagens do circuito que leva a mesma notícia a todos que possam decodificá-la.

Esse circuito virtual está em *Notícias do Planalto*. Sem juízo de valor algum, é necessário que fique explícito, o jornalista busca preservar sua fonte pelo simples fato de sua existência depender dela. Antes de mais nada, jornalista é um trabalha-

dor como são professores, padeiros, metalúrgicos, cientistas, ou seja, ele necessita do dinheiro para continuar inserido no convívio social, do contrário, sofrerá as mesmas agruras de quem não tem emprego.

As autoridades — sejam por um cargo ou competência — acabam sendo as principais fontes desse circuito virtual e muitas delas, especialmente os políticos, sabem como abastecer esse circuito de modo que ele não pare. Ao contrário do jornalista, vítima da estrutura desse circuito, a fonte controla o funcionamento dele de acordo com seus interesses. O fundamental, como Conti diz, embora não tenha escrito, é que o jornalista não viva de uma única fonte e a engrenagem jornalística não funcione somente com um tipo de combustível como num circuito produtor de eletricidade, onde somente a água na turbina do gerador produz eletricidade. A dinâmica do circuito jornalístico aceita de tudo (água, terra, pedra...), desde que esse tudo seja informação plausível de ser transformada em notícia. Essa sim, é a energia pura, limpa, responsável pelo jornalismo. Um carro à gasolina não se movimenta com petróleo. Um veículo de notícia não se movimenta com entretenimento, brincadeiras, show.

A chave dessa questão, por sua vez, é o que, portanto, vem a ser notícia. Conti sugere que notícia é o que "vende e dá prestígio" (pág. 68), é o que "dá audiência" (pág. 122).

Ora, ao fazer essa sugestão, Mário Sérgio *fala outra vez sem dizer* que jornalismo é um exercício de ficção sobre "fatos/acontecimentos" com data, hora e local marcados; personagens centrais e periféricos; trama centrais e paralelas; enredo. Enfim, jornalismo trata do cotidiano, assim como a literatura, em aspectos específicos, cuja construção se dá pela combinação de ações das personagens, nuances do sistema onde está inserido, ações de caráter involuntário de total responsabilidade do acaso, mas tudo referente ao que já é passado extremamente recente e anterior a data/hora da publicação/veiculação. Se possível, até, ao vivo, ou seja, simultâneo acontecimento/publicação.

Notícias do Planalto, portanto, ensina que a virtualidade da informação concretiza-se em notícia de acordo com a audiência de quem a consome, assim como a virtualidade da eletricidade concretiza-se na lâmpada que acende numa sala qualquer. *Sem ter escrito*, Mário Sérgio *fala* ao longo do livro que notícia é o que interessa ao público. Neste ponto, é fundamental lembrar que se trata de veículo de massa, portanto, dá audiência, o que vai de encontro ao senso comum de quem consome. Desse modo "*as matérias tinham de ser claras, interessantes e bem escritas. Tinham que ter começo, meio e fim. Relatar os bastidores dos fatos; tratar os protagonistas das notícias como personagens...*" (pág. 69). Ou seja, notícia é o

que se enquadra no espaço diário de qualquer publicação e alimenta o interesse (cujo sinônimo pode ser curiosidade) daquele que paga, como paga por um sabonete, para saber do mundo.

Em outras palavras, *notícia* é o que interessa ao jornalista, assim como um romance é o que o seu autor escreve. O produto pronto, dando lucro e prestígio, é o que interessa ao patrão; assim como o *best seller* a uma editora. O jornalista, enfim, é bem empregado desde que consiga contar o que dê chance de um produto "ser bem feito" – na visão do público consumidor e por consequência também do patrão (Maklouf e o caso da filha de Lula, págs. 131 a 134; Collor e o fotógrafo Orlando Britto, pág. 438; Otávio Frias Filho e a Carta Aberta da Folha, pág. 454; Mário Sérgio Conti, Roberto Civita e Roberto Marinho, págs. 630 a 633).

Caso Collor, um dos protagonistas de *Notícias do Planalto*, não tivesse, durante tanto tempo, sido fonte de toda a narrativa dos meios de comunicação, no período delimitado por Conti, talvez a história que a mídia contou teria sido outra e Collor nem mesmo tivesse chegado aonde chegou. A maior prova disso é o fato de não existirem histórias, como a da era Collor, nem antes e nem depois dela. Será que é porque não aconteceu nada empolgante do mesmo nível ou faltou informação para ser modelizada a ponto de mexer na engrenagem da virtualidade do circuito?

Como ocorre em toda a narrativa, Conti fala sem ter escrito. No último parágrafo do livro, sem ter afirmado, ele fala que falta informação. "*Dos jornalistas que cobriram a campanha, o governo e a queda... a maioria continua a cata de notícias do Planalto*" (pág. 684).

Sempre lembrando que ler é uma questão de metodologia, Conti não escreveu nada disso, mas está tudo lá em *Notícias do Planalto*, a melhor lição sobre o que é jornalismo nesta entrada de século 21.

DJALMA LUIS BENETTE é jornalista, redator do jornal *Cruzeiro do Sul* (Sorocaba-SP) e mestrando do PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.